

Sexualidades nas geografias ao sul do Equador: entrevista com Grupo de Estudos Territoriais (GETE)

**Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar
Vinicius Cabral**

Universidade Estadual de Ponta Grossa

O Grupo de Estudos Territoriais (GETE) foi criado oficialmente no ano de 2003, embora já em 2002 estivesse em fase de planejamento. Sob a coordenação da professora Joseli Maria Silva (UEPG) o grupo iniciou os trabalhos de pesquisa na área de gênero e Geografia com apenas três estudantes de graduação. Depois de uma década de desenvolvimento de trabalhos na área de gênero e sexualidades, o grupo tem se destacado na produção científica desse campo temático. Atualmente o GETE conta com 20 pesquisadores, 5 estudantes de pós-graduação, 10 estudantes de graduação e 5 professores. Ao longo dessa década, os graduandos que iniciaram o grupo, passaram a ser pesquisadores dirigentes que agora formam novas gerações. A trajetória desses pesquisadores e sua contribuição científica à expansão dos estudos de gênero e sexualidades na América Latina está expressa em algumas obras bibliográficas que se constituem no tensionamento das fronteiras epistemológicas até então estabelecidas na geografia brasileira. O livro 'Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades' inaugurou uma série de outras publicações como 'Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas', 'Espaço, gênero e masculinidades plurais' e ainda, 'Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras'.

Explorar o desenvolvimento da temática de gênero e sexualidades na Geografia brasileira é impossível sem considerar o trabalho dos componentes do GETE. Nesse sentido, a entrevista que realizamos junto aos coordenadores do grupo, Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat é uma interessante contribuição para a reflexão em torno do desenvolvimento do campo científico, bem como seu registro na história do pensamento geográfico no Brasil.

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar e Vinicius Cabral: A produção intelectual do GETE inicialmente sustentou a perspectiva de gênero centrada nas feminilidades, a exemplo de SILVA (2005 e 2007), ORNAT e SILVA (2007), NABOZNY (2007a-b) e SILVA, CHIMIN, PERACETTA FILHO e ROSSI (2009). Posteriormente, a produção tornou-se mais plural. Quais os elementos conceituais que possibilitaram essa trajetória?

Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat: Toda trajetória de pesquisa é, ao mesmo tempo, busca teórica permeada pelo desafio do campo investigativo. Quando iniciamos os trabalhos de gênero seguimos o caminho que se mostrava mais consolidado. Talvez isso tenha sido fruto de uma insegurança, própria de quem explora campos desconhecidos, já que quando iniciamos, haviam poucos trabalhos na área. Podemos dizer que nossas pesquisas adotaram, primeiramente, uma compreensão do conceito de gênero mais voltado para ideia de 'papel social' que corpos de homens e mulheres desempenham socialmente. Inicialmente, não questionamos propriamente o sexo e o corpo, que foram considerados como já dados, pré-existentes. Foi o encontro das discussões de Michel Foucault e Judith Butler, bem como uma imensa literatura anglo-saxã em 'Feminist Geography' e 'Queer Geography' que promoveu discussões, rompimentos e superações do conceito de gênero na perspectiva construtivista e bastante voltada para análise das feminilidades. O encontro com essa vertente de pensamento de estudos de gênero nos levou a compreender o gênero como performático. O gênero é uma identidade instável no tempo e instituída espacialmente por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo, criando a ilusão de um ser permanente e sexuado. Devemos imaginar que

o que é ser homem ou mulher está sempre relacionado ao range de possibilidades de existência. Assim, como fala Butler, se o gênero é a reiteração constrangida de um conjunto de ideias que são anteriores ao sujeito, não podemos pensar em um sujeito que seja anterior a sua prática de gênero. E foi essa compreensão de gênero que nos permitiu pensar sexo e corpo. O sexo não pode ser compreendido como um dado natural sobre o qual se inscreve o gênero como dado cultural, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos. Na concepção performativa de gênero uma pessoa assume, se apropria e adota uma norma corporal, não como algo à que deve se submeter, mas como um processo em que o sujeito se constitui em virtude de passar por uma trajetória de assumir um sexo. A identificação, ou não, com os meios discursivos que emprega o imperativo heterossexual permite algumas identificações sexuadas e exclui outras, construindo aqueles que são normais e aqueles que são considerados anormais. Foi justamente o caráter fluído do corpo e do sexo que permitiu a abordagem de sujeitos não enquadrados nos polos masculino e feminino, como as travestis, por exemplo.

TRAOC e VC: No livro Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades de 2009, além de evidenciar as análises sobre gênero e sexualidades, há uma nítida proposta metodológica que questiona a relação entre pesquisadores e pesquisados. Como essa prática metodológica tem sido desenvolvida nos estudos dos componentes do GETE?

JMS e MJO: Como já dissemos para vocês, o encontro com a produção da Geografia Feminista anglo-saxã, a partir dos anos noventa, claramente identificada como pós-estruturalista, trouxe o conceito de 'conhecimento situado'. No GETE, não apenas estamos interessados em promover uma renovação temática na Geografia brasileira, mas também realizar tensões em torno das formas de se produzir o conhecimento científico. Como Foucault, entendemos que todo conhecimento é resultante de embates e relações de poder e nesse sentido, toda forma de conhecimento é também política. Compreender como determinados sujeitos e temas não foram contemplados no discurso geográfico, significa poder apontar não apenas a sua ausência, mas também quais são os mecanismos pelos quais as ausências foram produzidas. Nessa perspectiva de entender que todo conhecimento é cultural, temporal e espacialmente produzido, repleto de jogos de poder, não há como fugir da ideia da humanidade da produção científica e

as pessoas que produzem aquilo que chamamos de ciência, possuem corpos marcados por cor da pele, sexo, gênero e tudo isso marca sua experiência no mundo, inclusive sua experiência do trabalho de produzir conhecimento. Assim, o conhecimento é produzido por alguém em determinada 'posicionalidade' que edifica uma possibilidade de construir um determinado objeto de pesquisa e não outro. A própria construção de um objeto de pesquisa é, ao mesmo tempo, a construção de um modelo de análise e esse modelo requer a forma como concebemos a operacionalização dos conceitos que criamos para construir inteligibilidades sobre o mundo. E isso, com certeza envolve o reconhecimento das relações de poder que se estabelecem, de forma assimétrica, entre pesquisadores e pesquisados. Os pesquisadores tem nas mãos o poder de construir uma versão da realidade que circula com maior credibilidade social, podendo ser base para políticas de governo, por exemplo. Nesse sentido, trazer para uma discussão aberta e clara todo o processo que permitiu produzir determinado conhecimento é fundamental, pois o poder de produzir verdades sobre os 'outros' é algo que merece uma atitude que temos chamado de 'reflexibilidade'. O conhecimento, nessa perspectiva, não é passível de ser apenas reproduzido, porque a posição do pesquisador que permitiu aquela produção também não é passível de ser repetida por outros pesquisadores. Portanto, a explicitação do processo investigativo que levou à determinados resultados pode, na nossa opinião, melhorar a qualidade metodológica de algumas produções científicas, porque o processo será alvo de debate. É preocupante as pesquisas que observamos, que chegam a resultados, mas o processo é 'obscuro'. Além disso, essa forma de pensar a produção científica pode permitir que versões múltiplas possam existir sobre um mesmo fenômeno e essa pluralidade é sempre salutar para o desenvolvimento da ciência.

TRAOC e VC: As abordagens dos livros publicados pelo GETE têm sido em torno de grupos sociais vulneráveis em termos econômicos e de direitos sociais, como pode ser visto em Silva (2009) e Silva, Ornat e Chimin Junior (2011a). Quais as razões do grupo privilegiar esse recorte social em suas análises?

JMS e MJO: Pois nós também pensamos sobre isso e não conseguimos encontrar uma resposta muito clara. Contudo, retomando o que já respondemos na pergunta anterior, pensamos que, como todo conhecimento é político, talvez essa seja a forma

como nós fazemos também política. Produzir conhecimento de boa qualidade metodológica em torno de grupos sociais vulnerabilizados e vítimas de preconceito é uma forma de ajudar a construir a visibilidade social sobre eles, e de certa forma, produzir subsídio à elaboração de políticas públicas direcionadas a estes grupos. Pelo fato de trabalharmos com estes grupos invisibilizados pela produção do conhecimento geográfico, tomamos por pressuposto que não podemos nem criminalizar os grupos, nem vitimizá-los, mas sim construir inteligibilidade aos processos de exclusão social e espacial. Mas como dito anteriormente, acreditamos que essa resposta ainda não é muito clara para o grupo, mas certamente é nossa marca registrada, vamos dizer assim.

TRAOC e VC: Em Silva, Ornat e Chimin Junior (2011a) o grupo constrói a análise da relação entre espaço e masculinidades, uma abordagem pouco comum nos estudos de gênero. Como a obra foi recebida entre os estudos feministas, majoritariamente voltados aos temas das feminilidades?

JMS e MJO: No início percebemos uma surpresa por parte de pessoas, digamos assim, mal informadas, já que falar em gênero, parecia levar à ideia imediata de vinculação com as mulheres. Ora, experienciamos um mundo por meio de uma existência corpórea e essa materialidade é generificada socialmente. Assim, não há como viver espacialmente fora de um corpo generificado e essas classificações não ocorrem apenas para as mulheres. Os homens, tanto quanto qualquer ser humano, não vivem concretamente sem construir uma inteligibilidade social e nossa sociedade ocidental criou apenas dois possíveis gêneros, o masculino e o feminino. Enfim, os estudos de masculinidades foi uma surpresa na Geografia brasileira, mas é importante que se diga que esses estudos já se consolidaram e outros países. Há um tempo atrás acessamos uma publicação muito interessante de um geógrafo chamado Jeremy Whitehand. Seu texto que foi publicado em 2005 chama-se 'The problem of anglophone squint'. Vemos que esta discussão também relaciona-se a Geografia brasileira, parecendo que também existe, de certa forma, um estrabismo brasileiro em relação a reflexão sobre vários grupos sociais que destoam do que podemos considerar como grupos sociais relevantes de serem problematizados geograficamente. E pelas evidências que foram produzidas pelos processos de pesquisa do GETE, o que parece é que o desinteresse brasileiro pela geografia dos homens é um pouco do resultado deste estrabismo geográfico brasileiro.

TRAOC e VC: Além da abordagem de gênero, as sexualidades têm sido abordadas pelo GETE, notadamente em Silva (2009) e Ornat (2008, 2011). Como essa perspectiva compõe a trajetória do grupo e como ela tem sido acolhida no campo científico geográfico?

JMS e MJO: Como já dissemos, a forma como passamos a entender o gênero como algo que se faz por meio de atos repetitivos e estilizados que criam uma falsa impressão de estabilidade e também a forma como compreendemos o sexo, como algo que também é produzido discursivamente, nos levou a questionar a realidade geográfica vivenciada por pessoas que não estavam enquadradas na heteronormatividade vigente na sociedade ocidental. Foi essa busca que nos levou ao encontro das travestis e da ONG Renascer, cujo conhecimento produzido desse contato, creio que é mais mérito delas do que nosso. Mas essa perspectiva, embora bastante prazerosa do ponto de vista científico, é também extremamente penosa. Todo pesquisador vive do tensionamento das fronteiras estabelecidas em determinado campo científico e de desestabilizar determinadas formas de compreender a realidade que já se encontram como podemos dizer, de forma legitimada. Assim o prazer foi um sentimento que conquistamos ao pesquisar esse universo, pois ele nos levou a questionar conceitos consagrados e permitiu uma série de avanços conceituais. O sofrimento vem do preconceito que permeia a academia e o meio científico, bem como os canais que eles operam o poder. Como fala Edgar Morin em 'Ciência com Consciência', a produção do conhecimento científico está ligada as nossas práticas sociais. Assim, a avaliação do que é ou não geográfico, enquanto conhecimento científico, passa pelo crivo do que os geógrafos consideram o que é e o que não é válido cientificamente. Há um tempo atrás, um de nós participou da seleção em um mestrado em Geografia no Brasil, buscando problematizar a relação entre grupos sociais e espacialidades de prostituição, e na entrevista desta seleção, fora perguntado se o propositor do projeto de pesquisa era frequentador assíduo de 'zonas'. Isto mostra que a universidade não está isolada da sociedade e se temos uma sociedade homofóbica, a academia certamente é constituída por esse traço. Mas isso não é explicitado, pelo menos, não com uma violência física direta, mas com ações que seus praticante podem negar, caso sejam acusados de algo. Realmente não tem sido fácil legitimar a ideia de que a sexualidade não é algo privado, mas público e que ela é um elemento que posiciona as pessoas em termos de acesso à escola, saúde, trabalho e uma série de outros bens e serviços urbanos.

Tamires Regina Aguiar de Oliveira Cesar
Vinicius Cabral

TRAOC e VC: O GETE, juntamente com a PUC-Rio, foram responsáveis pela organização do I Seminário Latino-Americano de Geografia e Gênero/Pré-encontro da Conferência Regional da União Geográfica Internacional no ano de 2011. No evento estiveram presentes pesquisadores de vários países. O que esse encontro significou para o desenvolvimento da perspectiva de gênero e sexualidades no Brasil?

JMS e MJO: Esse foi um episódio muito marcante para o GETE. Certamente foi amedrontador, pois realizar um evento internacional sobre um tema ainda pouco desenvolvido na Geografia brasileira poderia ser um fracasso total. Contudo, o grupo como um todo é muito ousado e preferimos fracassar do que não tentar. E essa oportunidade projetou nossos trabalhos em uma rede internacional que valorizou pesquisas ainda pouco legitimadas no Brasil. Tudo começou quando fizemos uma carta protesto e enviamos para União Geográfica Internacional no ano de 2008. Criticamos a geopolítica do conhecimento geográfico, evidenciando que os preços a serem pagos na inscrição e a língua oficial inviabilizava pesquisadores oriundos de países pobres. Enfim, esperávamos uma resposta um tanto descontente por parte deles. Para nossa surpresa, eles disseram que se nós organizássemos o evento, teríamos o apoio deles. Enfim, o tiro saiu pela culatra, pois nossa reclamação resultou em um desafio que foi difícil vencer. Então, não corremos da raia e fizemos, talvez porque não havíamos pensado muito naquilo que enfrentaríamos depois. Talvez não pensamos e seria impossível e fomos lá e fizemos. Mas, às vezes é melhor não pensar nas dificuldades, pois elas acabam nos privando de realizações que podem proporcionar prazer e felicidade, apenas por termos medo do fracassar. Mas enfim, o evento teve um sucesso muito maior do que todos nós juntos poderíamos imaginar e certamente isso tem resultado em maior força para consolidar gênero e sexualidades na Geografia brasileira.

Referências

NABOZNY, Almir. Espaço urbano: do acesso pelos direitos formais à coerção velada da participação política feminina. **RA EGA**, v. 13, p. 65-74, 2007a.

NABOZNY, Almir. Uma discussão sobre gênero e acesso ao espaço urbano: O paradoxo da participação política cívica e da participação no Estado. **Revista de**

História Regional, v. 11, p. 07-28, 2007b.

ORNAT, Márcio José. **Território da prostituição e instituição do ser travesti em Ponta Grossa – PR. 2008.** Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa – PR.

ORNAT, Márcio José. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil. 2011.** Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro – RJ.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre a potencialidade do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 8, p. 31-45, 2005.

SILVA, Joseli Maria. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. **Espaço e Cultura**, v. 22, p. 97-109, 2007.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa-Paraná. **Revista de História Regional**, v. 12, p. 175-195, 2007.

SILVA, Joseli Maria (Org.) **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, v. 1. 313 p. 2009.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose e CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Espaço, gênero e masculinidades plurais.** 1. ed. Ponta Grossa: Toda Palavra. v. 500. 358 p. 2011a.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN Junior, Alides Baptista (Orgs.). **Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas.** 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, v. 1. 213 p. 2011b.

SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da (Orgs.). **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras.** 1. ed. Toda Palavra, v. 500. 265 p. 2011c.